

Laboratório de Ensino

"A CONCEPÇÃO PSICANALÍTICA DA PERTURBAÇÃO PSICOGÊNICA DA VISÃO" (1910)

Ana Clara Cruz Lopes (Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense – UFF-Niterói. Atualmente é bolsista de Iniciação Científica pela FAPERJ, sob orientação da Profa. Flavia Lana Garcia de Oliveira. A produção deste texto faz parte desta atividade de pesquisa).

Neste texto de 1910, Freud busca esclarecer as mudanças ocorridas na concepção daquilo que é chamado de perturbação psicogênica da visão desde os estudos realizados no contexto das práticas hipnóticas. Evidencia, através do método da investigação psicanalítica, os mecanismos que caracterizam a cegueira histérica. Outra observação relevante acerca deste trabalho diz respeito ao fato de que foi nele que o autor utilizou pela primeira vez o termo "instintos do ego" [pulsões do eu], relacionando-o aos instintos [às pulsões] de autopreservação e ressaltando o seu decisivo papel na repressão [no recalque]. Desse modo, *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* inaugura uma teorização mais explícita do primeiro dualismo pulsional, o qual é explicitado à luz do conflito psíquico inerente ao impasse histérico.

Freud inicia o texto observando que as Escolas de hipnose francesas se dedicavam ao fenômeno da cegueira histérica. Acreditava-se que, através da hipnose, era possível provocar experimentalmente este quadro. Seguindo essa linha de raciocínio, tais pesquisas apontavam que se, sob hipnose, a sugestão era capaz transformar o comando de ficar cego em uma experiência real do indivíduo hipnotizado, no histérico a autossugestão, enquanto fenômeno espontâneo, seria explicativa da aparição da cegueira com origem psíquica. Mas Freud se distancia dessa abordagem ao introduzir o conceito de inconsciente. Freud aponta que, na cegueira histérica, o indivíduo só é verdadeiramente cego no que se refere à consciência. A cegueira causada pela histeria não é completa e se apoia em processos psíquicos recalçados. Há uma diferença entre os processos mentais conscientes e inconscientes. Freud interroga de que modo, na cegueira histérica, uma inclinação inconsciente é desenvolvida sem que o indivíduo possa enxergá-la. O que o leva a concluir que os indivíduos acometidos por este sintoma "veem" em seu inconsciente. O inconsciente os habita intensamente. Freud também relembra que era observado pelos praticantes da hipnose uma tendência desses pacientes à dissociação mental. Ou seja, uma divisão no psiquismo entre instâncias que funcionam muito diferentemente. Prefere esta hipótese a da autossugestão, mas a desdobra de forma muito particular.

Considerando as forças psíquicas atuantes no funcionamento mental a partir da hipótese do inconsciente, a explicação para a cegueira histérica é alterada por Freud. A dissociação não é mais tomada como consequência de uma incapacidade constitucional para a síntese, mas sim como efeito do isolamento psíquico que leva ao estado de inconsciência um grupo de ideias relacionadas à visão. Tal isolamento é provocado pela oposição realizada por um outro grupo de ideias. Há uma interação entre forças antinômicas que produz esse resultado. Freud se aproxima assim, do mecanismo do

recalque como agente dessas mudanças. Quando o recalque desse grupo psíquico incompatível com a consciência falha, se formam os sintomas.

No avanço de sua investigação sobre como uma oposição com esse impacto no aparelho psíquico pode se estruturar ao ponto de haver o recalque, Freud traz sua definição da função do ego, remetendo-o à dimensão do coletivo, como um conjunto de ideias mais poderosas, "que é constituído de maneira heterogênea, em épocas diferentes – e, por este motivo, se encontram sob repressão" (Freud, 1910/1996, p. 223). A oposição já mencionada entre os grupos de ideias é redescrita à luz do conflito entre as pulsões sexuais e as pulsões do ego. Portanto, neste tempo de sua obra, Freud opõe as pulsões que favorecem a sexualidade e a satisfação sexual às que têm como finalidade a autopreservação do ego. As pulsões sexuais possuem diversos componentes parciais que se relacionam com excitações de partes do corpo, necessitam serem suprimidos, transformados e sublimados em favor da civilização. Segundo Freud (1910/1996, p. 224), "e chegamos a observar que esses instintos separados têm de passar por um desenvolvimento complicado, antes de poderem servir eficazmente aos objetivos da reprodução". É nesse processo que se encontra a origem das neuroses, na medida em que estas surgem a partir dos modos através dos quais tal processo de transformação, supressão e sublimação dos elementos pulsionais podem malograr, em favor de fixações sexuais incompatíveis com os processos civilizatórios. Os sintomas nas neuroses se originam nas falhas dos mecanismos do ego de desviar as exigências dos instintos sexuais por meio de repressões, provocando a formação de substitutos para o conteúdo reprimido que podem ser perigosos e levar a reações incômodas por parte do ego.

Levando em consideração esse desenvolvimento lógico e buscando retomar o problema das perturbações psicogênicas da visão, Freud retoma a oposição entre as forças psíquicas inconsciente e as do ego. Ressalta que tanto as pulsões sexuais, quanto as do ego apresentam normalmente os mesmos órgãos e sistemas de órgãos à sua disposição. Assim sendo, é de se esperar que, quanto mais tais órgãos estabelecem uma estreita relação com um dos polos pulsionais, mais eles se retraem do outro. Isso, por sua vez, abre possibilidades para consequências patológicas – como ocorre no caso da visão comprometida. Em um dos exemplos trazidos pelo autor, as exigências pulsionais excessivas ligadas ao prazer sexual em olhar levam o ego à uma ação defensiva, reprimindo as ideias relacionadas a esse desejo e tornando-as inconscientes. Há, nesse caso, uma repressão mais intensa que conduz a uma deformação exagerada do ego, o qual se recusa a enxergar qualquer coisa devido ao excessivo poder da pulsão sexual. Como efeito, este o indivíduo acaba perdendo o próprio domínio sobre o olho.

Existe ainda a possibilidade de a pulsão sexual se encontrar mais insistente e feroz, não se deixando regular. Nessa circunstância, é a vingança dessa intensa pulsão que acarreta a perda da visão. O sintoma é substituto para o recalque que fracassou e só pôde conter a invasão pulsional a preço de constranger a qualidade de vida de quem o porta. Na perturbação psicogênica da visão provocada pelo recalque da pulsão escopofílica, por exemplo, o que se coloca é uma espécie de ação punitiva que perturba a relação da visão com o ego. Já que o indivíduo se serviu da visão de forma indevida, é apropriado que ela não enxergue mais nada. A partir desse cenário, Freud relembra a lenda de Lady Godiva, mostrando a eficácia simbólica dos mitos em tocar nos mais profundos dilemas humanos. Na

lenda em questão, o único homem que espreitou pela veneziana – fechada por todos os outros habitantes da cidade – uma senhora cavalgar nua pela rua, teve como punição por esse ato a cegueira.

Se direcionando ao fim do texto, vale frisar a observação feita por Freud sobre a distinção e a relação entre as chamadas perturbações neuróticas e aquelas consideradas psicogênicas. Esta última dificilmente se manifesta sem a primeira, enquanto a primeira pode se manifestar sem a segunda, uma vez que as perturbações psicogênicas se encontram vinculadas a questões psíquicas de outra natureza, enquanto as perturbações neuróticas se encontram relacionadas a perturbações causadas pela estrutura neurótica. É possível afirmar, então, que pode haver uma perturbação psicogênica sem que necessariamente ela seja acarretada pela neurose. Por último, Freud ressalta a possibilidade da existência de condições constitucionais especiais nesses casos de perturbação psicogênica, as quais levariam os órgãos a exagerar no seu papel erógeno. Essa possibilidade é destacada como parte constitucional da disposição para adoecer de perturbações psicogênicas e neuróticas, o que ele denomina de *submissão somática*.

BIBLIOGRAFIA

Freud, S. (1910). A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol XI.